



Instituto Nokhooja

SOMOS (QUASE) SÉRIOS...

Se pedirmos a algumas pessoas que nos indiquem uma imagem ou símbolo que está intimamente associada com os Estados Unidos da América, provavelmente iremos obter: dólar, águia, liberdade, consumo, etc., a mesma pergunta com relação à Rússia provavelmente nos mostraria: comunismo, urso, vodca, Perestroika, etc. Se o país for o Japão, provavelmente iremos encontrar: Produtos Eletrônicos, Samurai, Eficiência, Tradições, etc.

Se, pelo contrário, pedirmos para que pessoas localizem determinado símbolo, por exemplo, o Condor, provavelmente iremos ouvir: Andes, Montanhas Nevadas, América Latina, Peru, Incas, Culturas Indígenas Sul Americanas, etc.

Se o símbolo for a "Cruz", iremos provavelmente obter: Igreja Católica, Cristo, Sacrifício, Redenção, etc., com a Suástica ou Cruz Gamada, provavelmente iremos obter Hitler, Nazismo, Holocausto, Segunda Guerra Mundial, etc.

Podemos dizer que cada conjunto de imagens ou descrições apresentadas definem um tipo de visão ou representação de um determinado país, forma de viver, se organizar, ou nacionalidade. Estas imagens geralmente aparecem agrupadas, de tal maneira que apresentam uma espécie de ligação comum, uma introduzindo a outra. Estes elementos, imagens, expectativas, tendências definem no seu conjunto, um modelo difuso que se diz representar o "espírito" de uma nação. Em outras palavras, o "arquétipo" da nação.

ARQUÉTIPOS NA FORMAÇÃO DE PAÍSES E NACIONALIDADES

Jung define como "arquétipo" ao conjunto de tendências que se encontram no Inconsciente Coletivo, que funcionam como fonte motivadora ou "bateria" para os indivíduos que deles participam. Ainda não sabemos até que ponto os arquétipos influenciam e sofrem influências dos indivíduos que vivem debaixo de sua área de atuação, entretanto, ao analisarmos o processo de formação histórica de uma nacionalidade, podemos especular sobre isto:

Os Estados Unidos da América do Norte nasceram como colônia dos países do Velho Mundo (Inglaterra e França), a ênfase de colonização era francamente exploratória. O interesse das potências colonialistas era de impedir o desenvolvimento e conseqüente independência das colônias para eternizar sua exploração. A chegada de colonos dotados de uma nova visão, os Puritanos, protestantes perseguidos na Inglaterra e que, expulsos, agora eram obrigados a encarar aquelas novas paisagens como suas para sempre, deu início ao processo de estabelecimento das raízes da nacionalidade dos Estados Unidos. Este processo se impôs às culturas indígenas e posteriormente, às culturas negras, provenientes da importação de escravos. Será dentro deste contexto que podemos notar o assentamento e desenvolvimento do grande arquétipo americano (que posteriormente foi



Instituto Nokhooja

chamado de Grande Sonho Americano, o sentimento de nacionalidade, dólar, consumo, água, democracia, etc.).

No Japão, notamos que desde cedo surge uma tendência à separação ou isolamento, isto talvez devido à sua condição insular, com grupos ou clãs lutando entre si e mantendo uma espécie de código de honra entre si, alguns alcançando uma supremacia efêmera para logo ser suplantados por outros. Devido às condições geográficas e sociais, o Japão sempre teve de lutar contra a escassez de alimentos e, portanto, necessitando desenvolver esforços para poder superar suas grandes dificuldades. Isto acabou traduzindo-se numa cultura disciplinada, hierarquizada e voltada para si mesma. Nestas condições iremos encontrar a figura do Samurai, como um agrupamento de qualidades arquetípicas que irão moldar e influenciar a alma japonesa até os dias de hoje.

Podemos especular, portanto, que um arquétipo, talvez seja selecionado a partir de um conjunto de potencialidades arquetípicas raciais em função dos fatores históricos, sócio- econômicos e sociais que predominam dentro de um determinado grupo de pessoas. São os elementos da verdade grupal, ou seja, o "túnel de realidade" para aquele grupo, a forma pela qual aquelas pessoas vêem o mundo à sua volta e definem seus relacionamentos com este.

A partir de um determinado momento, este arquétipo passaria não somente a ser reforçado pelo grupo como também passaria a moldar a própria trajetória deste grupo, enquanto fatores externos não apresentarem intensidade suficiente para interferir de maneira consistente. Neste momento poderemos ter a substituição (exemplo típico: a formação da identidade norte-americana a partir da postura colonialista-exploratória para a nacionalista-democrática) ou adaptação arquetípica (exemplo típico: a formação da identidade dos povos andinos).

A RELAÇÃO ENTRE OS IMPRINTS NEUROLÓGICOS E ARQUÉTIPOS

Para podermos compreender melhor a identificação e fixação de um determinado modelo arquetípico, assim como as relações estabelecidas entre este modelo e os indivíduos, temos de fazer uso da teoria dos Imprints da Etologia.

Um imprint é definido como um período de labilidade ou hipersensibilidade dos padrões neurológicos cerebrais, geralmente específico, limitado e definitivo, onde, exposto a um conjunto de pistas ambientais, circunstanciais ou não, sociais e culturais, o indivíduo situado neste período crítico, fixa padrões inconscientes que irão definir características de sua conduta, personalidade, tendências, etc. Portanto podemos dizer que está imprintando umarquétipo.

O Dr. Timothy Leary e associados, definiram uma seqüência de imprints que ocorrem ao longo da vida do indivíduo, estabelecendo uma série de circuitos cerebrais, responsáveis por características do tipo: segurança, insegurança, atitude otimista ou pessimista, localização hierárquica na escala de poder e mando, padrões culturais e comportamento sexual, entre outros:



Instituto Nokhooja

Primeiro Circuito: bio-sobrevivência, definido no período do pós-parto imediato, que define comportamentos de confiança ou desconfiança, otimismo ou pessimismo, extroversão ou introversão, tem como elemento desencadeador a figura da mãe ou objeto materno. O Arquétipo da Grande Mãe.

Segundo Circuito: territorial-poder, definido no período em que a criança está aprendendo a andar, começa a explorar o território à sua volta e começa a encontrar os "nãos", os limites. Irá definir a localização hierárquica deste indivíduo dentro de um grupo qualquer, em termos de liderança ou ser liderado, de mando ou obediência, etc. A figura que geralmente desencadeia este processo é a figura paterna. O Arquétipo do Grande Pai ou Herói.

Terceiro Circuito: semântico-muscular, de aquisição da linguagem, destreza manual, de aquisição da cultura do grupo em que o indivíduo está se desenvolvendo. Define comportamentos estereotipados grupais e maneirismos, preconceitos e formas de aderência a valores grupais e tribais. Define uma visão política do mundo. Geralmente desencadeado pelo ambiente familiar e as primeiras experiências de aprendizado na escola. O Arquétipo do Sábio.

Quarto Circuito: sexual-social, de aprendizado do papel sexual (macho/fêmea), de relacionamento sexual (hetero/homossexual), de relacionamento social, o reconhecimento do outro como algo que é importante para o indivíduo, a aceitação das malhas de relações e responsabilidades sociais. É desencadeado pelas primeiras relações sexuais e primeiras paixões da vida sexual do indivíduo. Por isso está cercado de tantos tabus. O Arquétipo do Outro.

Quinto Circuito: corpo/mente, representa a busca da experiência de integração das dimensões corporal e mental numa unidade viável, que tem na busca do prazer e da completude a sua tônica. É típico dos indivíduos que vivem intensamente o fenômeno da Nova Era. O Arquétipo do Guru ou Guia Espiritual.

Sexto Circuito: representa o uso do conhecimento neurológico, neuroquímico e psicológico como ferramenta para modificar, aperfeiçoar e acessar novas áreas da individualidade humana, assim como desencadear novas experiências. Corresponde a uma fase de treinamento de certas disciplinas místicas e religiosas. O Arquétipo do Santo.

Sétimo Circuito: a partir dos elementos desencadeados na prática das disciplinas de sexto circuito, o indivíduo passa a viver uma realidade "quântica" ou potencial, onde não somente aprendeu a reconhecer os diferentes túneis de realidade a que está submetido, mas agora dispõe de elementos capazes de fazer com que possa optar pelos túneis que lhe são mais convenientes para um determinado contexto circunstancial ou pessoal. Isto define possíveis micro e macro-modificações nas estruturas neurológicas do cérebro de tais indivíduos. O Arquétipo do Místico.



Instituto Nokhooja

Oitavo Circuito: corresponde à descrição dos últimos estágios de desenvolvimento da consciência, onde toda a experiência assume uma característica mística e o indivíduo não mais está dependente de um suporte orgânico para a sua consciência, podendo se libertar deste, caso assim queira. Corresponde aos estágios de iluminação do Budismo e Hinduísmo e de certas práticas místicas Cristãs e Judaicas. O Arquétipo da Busca, do Amado.

Ao unirmos as duas perspectivas, podemos dizer que um indivíduo irá imprimir, ao longo de sua vida, uma série de valores que existem no ambiente à sua volta, isto respeitando sua própria identidade pessoal e genética. Cada ser humano, no seu período de labilidade ao imprint, fixa um arquétipo que irá conduzi-lo para as próximas etapas de seu desenvolvimento. Mais, podemos extrapolar esta teoria para a perspectiva de que a evolução das sociedades provavelmente irá repetir este processo.

A EVOLUÇÃO ARQUETÍPICA DAS NAÇÕES

Podemos definir algumas fases do processo de formação da identidade arquetípica das nações:

- 1- Fase mítica ou heróica, que corresponde ao primeiro imprint neurológico, que ocorre logo após ao nascer: a luta para obter a independência e ao mesmo tempo a garantia de sobrevivência irá marcar o tipo do país dentro do contexto das nações: os países que tiveram seu processo de independência por um rompimento violento de laços colonialistas, pela defesa de fronteiras contra inimigos hostis, apresentam uma maior tendência a valorizar aspectos de territorialidade e individualidade que os países que não passaram por tais processos. Neste momento define-se a existência de um novo país, de uma nova população, de uma nova forma de apropriação da realidade. Sua característica principal é a busca da sobrevivência, seja pela luta contra agressores, seja pela busca de uma rápida estruturação. O arquétipo fixado neste período corresponde ao da Mãe - a cultura que predominou na formação nacional ou o país que coloniza.
- 2- Fase organização: correspondente ao segundo imprint neurológico, que define papéis de poder e relações de influência. Refere-se ao processo de definição de fronteiras físicas, direção de desenvolvimento, estruturação social, a definição de valores comuns, etc. Nesta fase temos o aparecimento de monarquias centralizadoras ou cidades-estado ciosas de sua independência e individualidade. É também a fase onde se tenta ampliar as fronteiras, a dominação dos países vizinhos mais fracos, das guerras e competições, a procura de melhor definição das estruturas produtivas no sentido de garantir a sobrevivência da nação e o seu potencial de barganha com as demais nações: fase de desenvolvimento material e bélico. Isto corresponde ao arquétipo nacional de pai, seja na figura de um Rei, Monarca, Presidente ou Líder Carismático.
- 3- Fase de definição de valores nacionais e culturais, próprios e compartilhados, geralmente centrados em símbolos de conhecimento e poder. Corresponde ao terceiro imprint do indivíduo, que define a sua forma de aquisição de conhecimento e os valores culturais que irá valorizar e disseminar. Ve-



Instituto Nokhooja

mos isto acontecendo no processo de universalização do conhecimento e das informações, desencadeado pelas ciências da informação e mais notadamente, pela explosão da informática. O arquétipo que simboliza esta fase é o do Sábio.

4- Fase de interrelações, que corresponde ao quarto imprint sócio-sexual dos indivíduos, onde as nações, além da guerra, tentam definir relações de interferência e relações entre si, buscando impor ou adaptar seus modelos políticos: monarquia, democracia, socialismo, comunismo, etc. Fase em que se formam grupos de nações aliadas por interesses ou ideologias comuns, algo que nem sempre é feito de livre e espontânea vontade. Corresponde ao arquétipo do Outro, a forma pela qual uma nação se diferencia das demais, a definição de suas características externamente reconhecidas. Por exemplo comparar China e Itália.

Podemos também identificar sinais de uma ativação de quinto, sexto e mesmo, de sétimo imprints: "culto ao corpo" e de técnicas relacionadas com este (biodança, massagem, relaxamento, musculação, aeróbica, etc.) além de mostrar um aspecto de narcisismo e manipulação comercial, mostra também que uma parcela ponderável da humanidade está se tornando sensível ao quinto circuito, da busca do prazer estético e introspectivo.

O surgimento e expansão universal do movimento de "New Age" com sua ênfase no misticismo e ecologia mostram os primórdios do sexto imprint.

Parcelas menores, mas ainda assim dispo de considerável número de participantes da população dos Estados Unidos, Europa e Oriente, que se interessam pelo potencial de transformação de consciência que o computador (a Realidade Virtual, e o aumento da velocidade de acesso e troca de informações a nível de Redes Mundiais de Dados, por exemplo) coloca nas mãos do ser humano, assim como as modificações dos conceitos de Terra, Sistema Solar e Universo causados pela exploração espacial feita pelos Estados Unidos e Rússia, mostram que temos o sétimo circuito surgindo consistentemente em certos locais do planeta.

Países altamente espiritualizados como o Tibete ou Índia, ou nações que optaram pela visão religiosa como preponderante (fundamentalismo) podem estar se preparando para desencadear o sétimo imprint em uma dimensão socialmente ampla. Isto não quer dizer que isto seja algo necessariamente benéfico ou positivo, pois como vimos, o imprint define uma relação com o ambiente pré-existente e não garante que o arquétipo fixado seja positivo (vide exemplo do Nazismo e seu ressurgimento na Alemanha atual), nem que tal processo seja viável.

INFLUÊNCIA DA COMPOSIÇÃO POPULACIONAL

Podemos dizer que no ambiente que cerca o indivíduo ou uma coletividade, existe uma constelação de energias psicológicas que, participando de uma coleção inconscientemente compartilhada pela humanidade, recebem o nome de "Arquétipos", mergulhados num Inconsciente Cole-



Instituto Nokhooja

tivo. Estes Arquétipos selecionados por circunstâncias acidentais ou voluntariamente, irão ser gradualmente imprintados ou incorporados ao processo de formação da identidade do grupo ou nação definindo e conduzindo processos de absorção de valores, comportamentos e modelos de realidade.

A partir de um determinado momento do desenvolvimento da psique grupal, este Arquétipo passa a funcionar como modelo universal para aquelas pessoas a ele sensibilizadas. Diz-se então que foi ativado. À medida que as condições ambientais, culturais e sociais variam, parcelas desta população poderão vir a selecionar e ativar novos arquétipos do Inconsciente Coletivo, num processo de crescimento daquela nacionalidade, que nem sempre poderá ser considerado como saudável. Fatores tais como história, localização geográfica, composição social e cultural, eventos, guerras, e outros serão fundamentais seja na escolha do arquétipo, sua ativação e desenvolvimento.

E O BRASIL?

No caso específico do Brasil, temos uma fase inicial, tipicamente colonialista, caracterizada pela presença de um modelo exploratório-extrativista, que não se preocupava com o estabelecimento de raízes e instituições permanentes. A cobiça e imediatismo prevalecem. A falência do sistema de Capitâneas Hereditárias mostrou a falta de interesse de muitos dos Donatários, que sequer se deram o trabalho de navegar às novas terras para tomar posse delas. A imagem heróica do Bandeirante não consegue esconder a necessidade de expansão e ampliação de ganhos rápidos a partir de uma exploração de maiores áreas de território. Na composição populacional do Brasil podemos distinguir três correntes:

- a) Branco colonizador, detentor de poder e autoridade, a minoria inicial que irá definir os valores e objetivos da nova colônia, procurando manter os valores europeus- portugueses como forma de defesa e identificação cultural. O imediatismo, cobiça e a necessidade do mais rápido regresso possível à pátria irão caracterizar esta população.
- b) Populações indígenas, que na sua maioria viviam no período neolítico, distribuindo-se em tribos que freqüentemente estavam em luta entre si, sobrevivendo pela coleta- caça-pesca do alimento, com limitadas iniciativas de cultivo de alimentos, vivendo uma dimensão do aqui e agora. A ausência de uma interferência cultural mais avançada - por exemplo o Império Inca nos Andes - que polarizasse e empurrasse tais tribos em direção a um processo de maior sociabilização e aquisição de bens culturais fez com que houvesse uma espécie de estagnação cultural dessas tribos que, rapidamente foram dizimadas pelo poderio tecnológico e pela mística do elemento colonizadorbranco.



Instituto Nokhooja

- c) Populações negras: foram importadas como escravos para suprir mão de obra barata, geralmente pela captura de escravos provenientes de tribos da costa oeste da África. Geralmente o processo de captura destruía a estrutura tribal original do negro e fazia com que, frequentemente, inimigos milenares fossem obrigados a conviver lado a lado nas novas terras. Ainda assim, a experiência dos Quilombos mostrou que, desprovidos da esperança de um retorno à África, certos negros começaram a estabelecer vínculos com o Brasil e a procurar definir uma identidade. Talvez possamos considerar isto como o momento de surgimento da nacionalidade brasileira.

Assim, o primeiro "imprint" definiu uma relação com o único arquétipo mais evoluído disponível: a "Mãe Portuguesa". Passamos a adotar a língua e valores portugueses, a própria arquitetura passou a imitar os modelos lusitanos e o processo se enraizou de tal maneira, que as posteriores invasões francesas e holandesa não conseguiram se manter, já que o Brasil era "português". A figura do Bandeirante, corajoso, leal e ambicioso irá ser o modelo imprimado para esse período. É interessante notar que o Estado de São Paulo, origem dos Bandeirantes, ainda hoje apresenta essas características gerais.

Esta era a situação, a grosso modo, no momento da Independência do Brasil, proclamada por um estrangeiro, em função de interesses políticos e não refletindo a opinião da população do país como um todo, mas principalmente da população branca que não queria perder os privilégios que havia recebido com a vinda da Família Real para o Brasil em 1808.

A figura de D. Pedro I, monarca jovem e impetuoso, apaixonado e violento, embora sensível e artístico, acabou plasmando a imagem arquetípica do Grande Pai a quem tudo se perdoa. As Guerras da Independência, que foram localizadas e limitadas, não permitiram com que a jovem nação encontrasse no sangue, sacrifício e esforço os elementos que plasmassem uma nacionalidade brasileira legítima, como um todo. O ato de lutar pela sobrevivência e o estabelecimento de uma nova nação, seria como cortar os cordões umbilicais que nos uniam a Portugal. Pelo contrário, a aparente facilidade com que a Independência ocorreu, gerou uma atitude de excesso de confiança e de certa displicência que se incorporou no Arquétipo Nacional.

A saída de D. Pedro I (agora D. Pedro IV), o período das Regências e a coroação de D. Pedro II permitiram com que certas camadas da população pudessem definir alguns critérios do que seria "ser um brasileiro", isto acontecendo principalmente com aqueles que tiveram a oportunidade de estudar nas universidades européias. Um segundo elemento que auxiliou tal processo foi o da divulgação de idéias políticas através de jornais, que permitiu uma maior sensibilização das camadas mais simples da população. É a fase do Brasil como Império, como nação descobrindo e discutindo os seus valores e comportamentos. Neste momento sentíamos que éramos iguais aos demais países da Europa. Assim temos um modelo arquetípico de Grande Pai, paternalista, complacente, num país devotado fundamentalmente à produção agrícola. Passividade, lerdeza, postergação, confiança, ingenuidade, passionalidade.

A República e, principalmente, a Abolição da Escravatura jogaram o país num dilema de sobrevivência: ou mudava de estilo de produção ou estagnava. Acontecem as migrações de europeus e orientais ao Brasil, que irão impor um novo modelo e dinamismo à cultura e economia do país gerando inevitavelmente uma divisão interna: os produtivos, trabalhadores, os estrangeiros que não tem "direito" e os naturais do país, lerdos, alguns com boa educação, apegados ao passado e tradicionalistas, que detêm o poder e podem decidir tudo conforme os seus desejos. Temos aqui o início da corrupção como instituição. O modelo arquetípico para este momento poderia ser descrito como Dionisíaco, ou seja, ligado ao prazer e à escuridão, à preguiça e à sofisticação.

OS ARQUÉTIPOS BRASILEIROS

Na sua origem, podemos definir uma figura materna portuguesa que acabou consolidando-se na imagem arquetípica do Bandeirante, que corresponde ao primeiro imprint social.

A partir da Independência, temos a figura paterna do Imperador, que busca reproduzir a imagem arquetípica do Rei dentro da concepção européia do "representante de Deus". Entretanto o modelo atualizado no Brasil não incorporou a totalidade dos atributos feudais europeus, na medida que as condições sociais, políticas e psicológicas acabaram consolidando um tipo de relação entre monarca e população de ordem mais simbólica que "de fato". A imagem do Rei no Brasil representava mais um foco de atenção, de consolidação, do que de exercício de poder propriamente dito. Os elementos gigantismo do país, dispersão da população, dificuldade de comunicação e controle, ajudaram neste processo de atenuação do arquetipo do Rei no Brasil e seu distanciamento do caldeirão de formação da nacionalidade brasileira. O Rei é visto mais como algo benéfico e inócuo ao invés de um elemento determinante da alma do país. Um símbolo.

Com o advento da República e a entrada dos emigrantes, temos o surgimento de um modelo arquetípico que reflete, de um lado o aspecto lúdico, prazeroso que se procurava viver no país (pelo menos nas regiões mais desenvolvidas e capazes de ditar a moda) e de outro, lânguido, culto, preguiçoso e matreiro. A melhor definição deste Arquétipo é feita por Mario de Andrade, com seu "Macunaíma", dito "Herói Sem Caráter". Na realidade, Mario de Andrade irá expor à luz uma síntese literária do arquetipo brasileiro que está ativado e atuando até os dias de hoje. Um tipo de visão que jaz na base de toda a problemática brasileira, seja em termos de ligação com a terra (exploração, atitude anti-ecológica, extrativista), relações sociais (imediatismo, vantagem pessoal, esperteza, falta de honestidade, irresponsabilidade, etc.), espirituais (o sincretismo religioso, a superficialidade e a busca pelo milagre, etc.), econômicas e políticas (elitismo, lucro fácil e rápido, falta de previsão, corrupção, individualismo, corporativismo, ineficiência, etc.).

Macunaíma representa, dentro da realidade atual do país, o Arquétipo e o modelo de nossa visão de mundo, das relações que mantemos dentro e fora do ambiente familiar, das formas de controlar e gerenciar o país, da forma de encarar os eventos e lidar com compromissos e responsabilidades.

O problema que se coloca é: se Macunaíma foi gestado ao longo de cerca de 500 anos de história, se dita as regras de um comportamento social/político/econômico que nos parece francamente insatisfatório, como é que podemos substituí-lo? E queremos realmente fazer isto?

TROCANDO DE ARQUÉTIPOS.

Partindo do princípio que desejamos substituir o Arquétipo de Macunaíma por um outro, temos de estabelecer algumas estratégias: Torna-se necessário sensibilizar parcelas significativas da população a um novo conjunto de energias psicológicas motivadoras, um novo "Arquétipo". Tal processo irá acontecer de duas maneiras: 1. pela mudança intencional de um paradigma (modelo), que passa a ser assumido por um conjunto de pessoas e, 2. pela sensibilização inconsciente lenta e gradual de uma população a este novo paradigma, o que gera os instrumentos através dos quais, num processo de aprendizado e interação mútua, o arquétipo acaba constituindo-se numa religião, mito ou mapa de realidade socialmente compartilhado. Isto não ocorre sem choques e transformações profundas dentro do seio da sociedade, de seus valores e comportamentos.

Tal mecanismo geralmente envolve o uso de técnicas de propaganda e envolvimento das pessoas. Aos poucos, o modelo definido e trabalhado poderá assumir características arquetípicas. Isto não quer dizer que basta apenas uma mera decisão de ordem intelectual para que se possa modificar o perfil psicológico de uma nação. Na realidade, torna-se necessária uma análise cuidadosa e demorada de todos os imprints anteriores, no sentido de corrigi-los ou então incorporar elementos saneadores no novo paradigma a ser introduzido.

No caso brasileiro, torna-se necessário aproveitar a coragem e intrepidez do Bandeirante, deixando de lado a sua avidez, cobiça e imediatismo; tornar a figura do Governante (e a do político também) mais respeitável, isto pela garantia de que se disponha de homens íntegros e honestos e, finalmente, substituir a figura de Macunaíma por um Arquétipo mais ligado aos valores da terra, de trabalho, "ordem e progresso" e modernidade.

PROPOSTAS:

A mudança de um paradigma ou ativação de um novo arquétipo deve levar em conta as características dos modelos já em atuação e sua adaptação frente ao novo modelo desejado. Isto deve ser feito em termos de uma ampla discussão do novo modelo pretendido, no sentido que vastas parcelas da população sejam levadas a expressar as formas que idealiza para seu futuro imediato e a longo prazo. Ao mesmo tempo essa discussão irá funcionar como elemento de controle e crítica para possíveis erros ou desvios do processo, bem como irá estabelecer uma vigilância contra possíveis manipulações.

De outro lado, essa discussão ampla tem a virtude de estabelecer, desde o início, uma sensibilização e predisposição à aceitação e incorporação com mais facilidade. Deve-se evitar que a proposta nasça a partir de iniciativas isoladas ou particulares, visto a facilidade com que são manipuladas e desviadas de seus objetivos primordiais, assim como

pela dúvida de que sejam capazes de expressar tendências amplas da população. Existe sempre o risco de elitismo e degeneração.

Entretanto, isto não impede com que grupos de pessoas que compartilhem um objetivo comum não possam vir a "montar" um modelo idealizado e que reflita aquilo que desejariam como valores disseminados na população e psique coletiva. Tal processo já está acontecendo em todos os níveis de associações, desde as formas mais ligadas ao entretenimento social (clubes sociais, clubes esportivos), atuação social (grupos de benemerência e de ação social), de fins políticos (partidos e associações com finalidades de ação política, por exemplo, os grupos de ação ecológica), religiosos, místicos e esotéricos em geral.

O que se torna necessário é o estabelecimento de um projeto comum que polarize as ações destes grupos e permita com que haja uma disseminação de informações e esforços para a população em geral. Uma outra maneira em que se pode interferir no padrão arquetípico de uma nação é através do seu sistema de educação, que a médio e longo prazo poderá conduzir o país para os novos caminhos desejados. Isto, logicamente, exige a atuação e planejamento sofisticados, envolvendo especialistas, tais como Educadores, Psicólogos Sociais, Antropólogos, Sociólogos e outros.

Finalmente, o papel dos meios de comunicação de massas deve ser destacado, como elemento conscientizador e formador de opiniões. É uma pena que o Brasil não tenha previsto uma estratégia de formação de opiniões voltada para uma visão nacionalista e valorizadora dos elementos nativos do país que funcione como elemento-guia para estes meios de divulgação. Aqui não cabe o argumento de interferência na liberdade de imprensa, uma vez que trata-se de uma política definida abertamente e cujos resultados desejados são conhecidos de antemão. De outro lado, dentro dessa perspectiva, a atitude negativista, rejeitadora, sensacionalista, senão irresponsável de muitos meios de comunicação também seria inaceitável.

Consideramos estas reflexões apenas como uma proposta de um início de discussão da problemática brasileira enfocada dentro de uma perspectiva mais ampla e abrangente, onde todos são chamados a opinar e assumir riscos e responsabilidades. Entretanto, frente aos sinais de um despertar da indignação popular e da valorização da imagem do Brasil que estão ocorrendo atualmente, acreditamos que tal processo deverá inevitavelmente ser encarado.

Elaborado por

NoKhooja

Publicado no Tentáculo